



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTORIA**

**RENATO FABIANO DOS SANTOS SOUZA**

**DA DITADURA A REDEMOCRATIZAÇÃO: Representações  
Políticas do Governo Luís Martins de Oliveira na Cidade de  
Esperança - PB (1963 – 1989)**

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

**RENATO FABIANO DOS SANTOS SOUZA**

**DA DITADURA A REDEMOCRATIZAÇÃO: Representações  
Políticas do Governo Luís Martins de Oliveira na Cidade de  
Esperança - PB (1963 – 1989)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio

CAMPINA GRANDE – PB  
2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S729d Souza, Renato dos Santos

Da ditadura a redemocratização [manuscrito] : representações políticas do governo Luís Martins de Oliveira na cidade de Esperança-PB (1963 – 1989) / Renato Fabiano dos Santos Souza – 2014.

27 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

“Orientação: Prof. Me. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio, Departamento de História”.

1. Política 2. Trajetória Política 3. Representação Política 4. Esperança – Paraíba I. Título.

21.ed. CDD 320

RENATO FABIANO DOS SANTOS SOUZA

**DA DITADURA A REDEMOCRATIZAÇÃO:  
Representações Políticas do Governo Luís Martins de  
Oliveira na Cidade de Esperança PB (1963 – 1989)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Graduação em  
História da Universidade Estadual da  
Paraíba, em cumprimento à exigência  
para obtenção do grau de Licenciado em  
História.

Aprovada em 09/12/2014.

*Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio*  
Prof. Ms. Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio / UEPB  
Orientador

*Matusalém Alves Oliveira*  
Prof. Ms. Matusalém Alves Oliveira / UEPB  
Examinador

*Rozeane Albuquerque Lima*  
Profª Ms. Rozeane Albuquerque Lima / UEPB  
Examinadora

# **DA DITADURA A REDEMOCRATIZAÇÃO: Representações Políticas do Governo Luís Martins de Oliveira na Cidade de Esperança - PB (1963 – 1989)**

SOUZA, Renato Fabiano dos Santos<sup>1</sup>

## **RESUMO**

Com o advento das mudanças historiográficas que vem ocorrendo nas três últimas décadas, torna-se mais frequentes produções intelectuais com novos olhares sobre o estudo da política. Nesse caso, enquanto maior parte das produções do século XIX tinha por objetivo exaltar as grandes figuras políticas, as produções recentes, tem por finalidade desvendar os múltiplos fatores que explicam a legitimação política de determinado grupo partidário. Nesse sentido o presente trabalho tem por objetivo analisar a trajetória e representações políticas do governo de Luís Martins de Oliveira na cidade de Esperança PB (1963-1989). Do ponto de vista metodológico foi realizada uma pesquisa em acervos públicos e particulares, utilizando também panfletos e revistas comemorativas, bem como o recurso da história oral com o depoimento do ex-prefeito e de cidadãos moradores da cidade a mais de 60 anos, para que possamos perceber os principais aspectos que nortearam a vida política do ex-prefeito. Como referencial teórico, o estudo se fundamentou em autores como Chartier (1990), Cittadino (1999) e Souza (2008), que oferecem contribuições importantes para nosso trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE** : Política, Esperança-PB, Luís Martins de Oliveira, Representações.

## **ABSTRACT**

With the advent of historiographical changes that have occurred in the last three decades , it becomes more frequent intellectual productions with new perspectives on the study of politics. In this case, while most of the nineteenth century productions aimed to exalt the great political figures , recent productions , is to unravel the multiple factors that explain the legitimacy given policy partisan group. In this sense the present study aims to analyze the history and government policies representations of Luis Martins de Oliveira in the town of *EsperançaPB* ( 1963-1989 ) . From a methodological point of view research will be held in public and private collections , also using flyers and commemorative magazines as well as the use of oral history with the testimony of former mayor and citizens of the city residents over 60 years, so that we can see the main aspects that guided the political life of the former mayor . Theoretically , the study will be based on authors such as Chartier (1990 ) , Cittadino (1999) and Souza (2008 ) , which provide important contributions to our work.

**KEYWORDS**: Politics, Esperança -PB, Luís Martins de Oliveira, Representations.

---

<sup>1</sup> Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB.  
E-mail: renatinhofabiano@hotmail.com

## 1. INTRODUÇÃO

As décadas de 1960 a 1980 no Brasil são vistas como um período de importantes mudanças e de ordenamentos no quadro político. Basta pensarmos na implantação do Regime Militar em 1964 que colocou no poder as forças conservadoras nacionais, como também a retomada das manifestações populares que buscavam a redemocratização na década de 1980.

Nesse contexto, o Brasil passou por um processo de centralização do poder e a extinção do pluripartidarismo em detrimento do bipartidarismo, durante a década de 1960, e uma “reabertura do processo político” na década de 1980, quando o domínio centralizador da ditadura estava encerrando e abria espaço à realização de eleições novamente pluripartidárias. Se torna importante mencionar que esse pluripartidarismo se fazia mais na teoria do que na prática, como nos elenca Citadino (1999, p. 28) quando nos fala sobre o domínio do PDS e PMDB na Paraíba mesmo com as mudanças na legislação política.

No cenário Local, mais especificamente em Esperança PB, eis que surge em 1963, a figura de Luís Martins de Oliveira, concorrendo ao cargo de prefeito da referida cidade, apoiado pelo deputado Estadual Chico Souto<sup>2</sup>, figura admirada e de grande influência na região. Nesta eleição constatou-se a vitória de Luís Martins, consolidando o que seria uma das mais importantes trajetórias políticas da cidade. Nessa perspectiva, inferir a contemplação da base das massas populares, representadas pela população da zona rural e das periferias, do qual o popular Luís Martins ficaria no decorrer da sua trajetória a frente da prefeitura, no decorrer dos seus quatro mandatos. O comportamento administrativo do nosso personagem ficou conhecido como o “pai dos pobres”, uma vez que Luís Martins chega ser caracterizado como um dos representantes da política assistencialista.

Diante das informações elencadas, o referido trabalho tem como objetivo analisar a trajetória e representações políticas de Luís Martins de Oliveira, no período de 1963 a 1989. Como objetivos específicos, busca-se: destacar o jogo dos partidos políticos; verificar os pleitos, gestões e práticas de adoração; bem como analisar o perfil do seu governo, que vai sendo construído ao longo dos diversos mandatos. Seguindo este caminho, será possível compreender a principal indagação do presente trabalho: Que motivos estiveram influenciando para que Luís Martins ganhasse tantos pleitos, em uma época em que não havia a reeleição?

Quanto às discussões bibliográficas, pesquisamos em material que aborde a política no período de 1963 a 1989 no Brasil, e na Paraíba e Esperança, este último de forma mais

---

<sup>2</sup> Deputado estadual, a partir da década de 50, natural da Cidade de Esperança PB, dono do único Cartório da cidade e cidadão ilustre da época.

específica. Assim o uso das obras avulsas de escritores/as como Nunes (2009), Cittadino (1999) e Souza (2008) que tratam desse período no Brasil e de forma específica na Paraíba e Esperança, foram elementos indispensáveis.

Baseando-se em um estudo que tem o material impresso e o depoimento oral como fontes, pesquisou-se em acervos privados e públicos, como também a realização de entrevistas, bem como utilizamos algumas fotografias. Quanto ao método, foi pertinente utilizar o método de análise das fontes impressas, proposto pelo historiador Teatino (2013), como também o manual de história oral de José Meihy e Fabíola Holanda (2011), uma vez que nos oferecem um caminho para a realização de um trabalho específico de análise com esses tipos de fonte, apresentando os critérios que devem ser observados.

Do ponto de vista teórico e metodológico, nosso trabalho se insere na perspectiva da Nova História Política, dialogando com os preceitos da História Cultural, a partir de um olhar do historiador Roger Chartier (1990), embasado no conceito de representação, observando a pertinência de discorrer sobre este conceito para melhor percepção sobre o objeto de pesquisa analisado.

Nesse sentido, o trabalho foi dividido em cinco momentos: no primeiro, apresenta-se o referencial teórico, discorrendo sobre as atuais discussões em torno do campo da Nova História Política, ressaltando ainda, as principais percepções sobre o conceito de representação a partir da ótica de Roger Chartier. No segundo momento, se procurou discutir a relação existente entre a história e a oralidade, e a utilização do jornal enquanto fonte histórica. No terceiro procurou-se entender os principais acontecimentos políticos que marcaram O Brasil e a Paraíba entre as décadas de 1960 a 1980. No quarto momento se destaca o jogo dos partidos políticos na cidade de Esperança PB, destacando-se a rivalidade das duas forças políticas existentes na cidade, “os ratos e os amuados”. No quinto Momento se destaca a trajetória política de Luís Martins de Oliveira de uma forma geral, suas características principais. Ainda nesse momento, finaliza-se com um debate sobre a construção do perfil político de Luís Martins, a partir de depoimentos e matérias impressos da época.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Trabalhando com um tema que trata as representações políticas de Luis Martins de Oliveira na cidade de Esperança, Paraíba, no contexto da transição da ditadura para a redemocratização, nossa pesquisa se insere no campo da “Nova História Política”, campo este

surgido das mudanças realizadas na historiografia e que se firmaram mais especificamente após a década de 1980 no Brasil, numa concepção renovadora no estudo e compreensão da política.

Como podemos perceber em Barros (2005, p.129) a “Nova História Política” passou a abrir um espaço correspondente para uma “História vista de baixo”, ora preocupada com as grandes massas anônimas, ora preocupada com o “indivíduo comum”. Ainda de acordo com o mesmo autor, enquanto a história do século XIX apresentava uma preocupação com os “Grandes Nomes” e os “Grandes Estados”, a “Nova História Política” se dirigia para outras formas de estudar o poder (micropoderes, uso político dos sistemas, representações e etc.).

Outro fator que se mostra diferente nestas duas modalidades teóricas é o fato de como de como se entende o indivíduo em quanto objeto de estudo, já que na Nova História Política, diferentemente da anterior, não tem como objetivo exaltar as ditas “grandes figuras públicas”, que antes eram tidas e entendidas como os grandes condutores da história.

Essa diferença e releitura do estudo da História Política se deu pelo fato de haver uma maior aproximação com os estudos da História Cultural, dentro de um contexto da Terceira Geração dos Annales. Desta maneira, podemos perceber através da fala de Pesavento que:

Às vezes chamada de Nova História Política, essa postura resulta do endosso, pelos Historiadores do político, dos pressupostos epistemológicos que presidem a análise na História Cultural. Imaginário, representação e a percepção do discurso historiográfico reformulam a compreensão do político (2008, p. 75).

A referida citação vem demonstrar o quanto a História Política na atualidade vem utilizando os pressupostos epistemológicos oriundos de outros campos, como a nova História Cultural.

Para Pesavento (2008 p.75), é indispensável mencionar ainda, o quanto o campo do político tem se apresentado como um dos mais importantes para o estudo das representações. Possível graças às contribuições da História Cultural que vem a dar novos suportes para o Político, com novos questionamentos e novos objetivos.

Ainda nesta perspectiva se observa essas contribuições através do estudo dos meios de comunicação, como os jornais, revistas e mídias eletrônicas ou virtuais, onde os historiadores podem se aportar a esse tipo de fonte, só que utilizando agora com outros olhares e com novas questões como observa Pesavento:

A História cultural visa atingir as representações, individuais e coletivas, que os homens constroem sobre o mundo, a história cultural do político difundiu-se, tendo como uma de suas representações centrais a definição de uma



cultura política. Está corresponderia ao conjunto das representações que nutrem um grupo no plano político (2008, p. 76).

Através da citação de Pesavento, podemos entender que o estudo das representações no campo da História Cultural do político, tem como objetivo definir os aspectos principais de uma cultura política, como os tipos de representações que determinados grupos políticos utilizam para se legitimar no poder, assim favorecendo os seus interesses, como veremos ao longo deste artigo, quando analisaremos as representações políticas do Luís Martins de Oliveira, na cidade de Esperança.

## **2.1. O estudo das representações em Roger Chartier**

Nos dias atuais se observa uma considerável lista de teóricos que retratam o conceito de representação, porém, sobretudo neste trabalho trabalharemos com o uso das representações sobre a ótica de Roger Chartier (1990), que no decorrer de sua trajetória, abrangeu diversas linhas de estudo, onde podemos destacar a análise e o debate entre política, cultura e cultura popular.

De acordo com Carvalho (2005, p.147) o referido autor procura firmar um novo momento e um novo projeto intelectual para a história cultural que passa pela renúncia a alguns modelos típicos de umas e outras tradições da dicotomia. Nesse sentido, percebe-se que Chartier propõe uma nova maneira de interrogar a realidade, onde toma como base temas do domínio da cultura e salienta o papel das representações, se verificando o quanto Chartier vem contribuindo significativamente no estudo das representações.

Para Chartier a importância de se trabalhar o conceito de representações, dentro da História Cultural, se dá pelo fato de haver possibilidade de identificar como em determinados lugares e momentos uma realidade social é “pensada, construída, dada a ler” (p.17). Desta forma, as representações podem ser entendidas como esquemas intelectuais, que criam as figuras graças as quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado.

Podemos perceber uma visão mais ampla deste conceito através de Carvalho:

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre

presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas (2005, p.149)

Carvalho (2005) entende que as representações, vistas segundo as perspectivas de Chartier (1990), se caracterizam através de aspectos contraditórios, percebidos através de conflitos e embates, projetados no imaginário social. Desta forma, compreende-se que o estudo das representações nos oferece um novo olhar, sobre os diversos meios de informações que constantemente temos contato. Se observando que as fontes utilizadas em nossos trabalhos foram produzidas por um determinado grupo, estando carregadas de intencionalidades.

Chartier ainda nos fala que:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (1990, p.17)

Com o apresentado podemos notar que, o mundo social tende a construir representações que venham a favorecer interesses de determinados pelos interesses dos grupos que as forjam. É o que perceberemos adiante quando analisaremos certas práticas e representações políticas de Luís Martins de Oliveira, principalmente no que se refere as vinculações com o social.

### **3. REFERENCIAL METODOLÓGICO**

O nosso trabalho se insere metodologicamente no uso das narrativas orais e impressas, a partir das fontes como o jornal *A União*, órgão oficial do Governo Estadual da Paraíba, retratou os principais acontecimentos da cidade de Esperança PB no período que estamos estudando. Para tanto, buscamos ainda uma pesquisa em acervos privados e públicos, sobre documentos que relatem obras e ações da gestão de Luís Martins de Oliveira a frente da prefeitura da cidade no contexto (1976-1989). Foi realizada ainda uma longa entrevista com o ex-prefeito numa perspectiva da História Oral.

#### **3.1. A imprensa enquanto fonte histórica: o jornal**

Para entender o que o jornal representa enquanto fonte de estudos históricos é preciso citar as mudanças no viés historiográfico, que veio a permitir a utilização deste material para os trabalhos nesta vertente, contribuindo de modo significativo para o crescente número de estudos que fazem uso deste suporte em suas pesquisas, agora entendido como fonte histórica. De acordo com Luca apud Teatino (2013, p.204) mesmo na década de 1970, em meio aos movimentos de reviravolta no fazer historiográfico, ainda eram poucas as pesquisas históricas que se valiam de jornais enquanto fonte, destacando ainda que se relutava em mobilizá-los para a escrita da história

Vale salientar que os metódicos, cultura historiográfica predominante durante o século XIX e décadas iniciais do século XX, tinham como meta a verdade dos fatos, e que esta, se encontrava nos documentos escritos e oficiais. Para trazer a luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo, deveria valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, além de distanciadas de seu próprio tempo (Idem, p.204). Desta forma, documentos jornalísticos foram praticamente excluídos, pois, não se apresentavam como fontes que pudesse recuperar fatos passados.

Ainda de acordo com Luca *apud* Teatino: “(...) uma vez que os mesmos continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas” (2013, p.205). Vale destacar que a *Escola dos Annales*, já havia realizado críticas a essa concepção, porém, não implicou no reconhecimento imediato da imprensa enquanto fonte. Foi só a partir da terceira geração dos Annales, que os estudos baseados em jornais passaram a ter credibilidade. Teatino nos diz ainda que:

A partir daí, modificou-se o tratamento dado ao *corpus* documental impresso, alterando-se o modo de inquirir os textos, mas também pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem. Assim cabe ao historiador que for utilizar os jornais como fontes de pesquisas, em primeiro lugar, procurar saber quais influencias sofriam tais órgãos de comunicação (2013, p.206)

Foi com esse alargamento da noção de fonte histórica, que se considera hoje não só os documentos escritos e oficiais, mais toda a produção humana, o que tornou possível uma expansão no uso dos jornais enquanto fonte para o estudo historiográfico. Sendo assim necessários anos de amadurecimento para que se chegasse aos conceitos elaborados pela nova História Política dentro da nova história Cultural, permitindo assim, a realização de estudos nessa vertente.

### 3.2. Narrativas Oraís: o ouvir e o fazer

O trabalho com as narrativas orais é uma prática que há alguns anos vem sendo bastante trabalhada pela História como também pelas demais Ciências Humanas e Sociais. Desde a década de 1960 temos pesquisas que utilizam a oralidade e veem se destacando no campo historiográfico nacional.

Anteriormente postulava-se que essa modalidade de pesquisa viesse dá voz aos vencidos, na atualidade essa questão vem sendo revista. Hoje a dita “História Oral” vem sendo tanto trabalhada como criticada. Trabalhar com as narrativas orais – mais conhecida como História Oral, na pesquisa é se colocar diante de uma das questões mais polêmicas nos dias atuais. As narrativas orais tendem do historiador pesquisador todo um leque teórico-metodológico que produza um trabalho eficaz e produtivo, desta forma, vários historiadores têm se debruçado a escrever sobre o tema que vão desde a preparação ao tratamento e transcrição das entrevistas. Contudo é preciso uma série de cuidados. Em nosso trabalho utilizamos uma espécie de manual. “História Oral: como fazer, como pensar” José Meihy e Fabíola Holanda (2011). A obra fornece ao pesquisador, importantes dicas para a realização das atividades de pesquisa, desde como escolher os entrevistados até como proceder durante a transcrição do material. Em determinado momento do texto os autores fazem uma diferenciação metodológica entre história oral temática e história de vida.

O uso de entrevistas, contudo, aponta para exames de sua apropriação historiográfica em diferentes momentos, que esbarra em bloqueios que as submetem fatalmente à condição de suporte. Vendo de maneira diversa de seus demais usos – ferramenta, técnica, metodologia ou saber -, principalmente no meio acadêmico se justificam indagações que permitem questionar se não há alternativa nova para o enquadramento da história oral (MEIHY, 2011, p.76)

Partindo da citação, podemos perceber que as narrativas orais são marcadas por histórias de vida surpreendentes, narrativas carregadas de subjetividades, sentimentos, sensibilidades, histórias marcadas por sorrisos e lágrimas, sendo assim, a questão que se apresenta é como se colocar em letras os gestos, as expressões do corpo durante as narrativas. As falas na maioria das vezes estão marcadas pelos silenciamentos, conversas que vão e vem, sem nexos, mas cheias de interpretações acerca do acontecido. A conversa é arte, arte que se propõe a manipular a fala, torna-la compreensível, o historiador manipula a fala do narrador, se propõe a interpretar a voz.

O que se coloca em questão nessa possibilidade é a oposição entre o simplismo com que tem sido tratadas as entrevistas e suas potencialidades analíticas, consideradas como a soma de procedimentos de pesquisa. É calcada na combinação de um desconforto causado pela inadequação às demais formas de uso do oral em face dos prometedores recursos derivados dos contratos com os “documentos vivos” que se exploram novidades dos usos dessa prática (IDEM, 2011, p.77).

Desta forma, são levantadas inúmeras questões, desde a forma de aquisição das entrevistas e registros até a aplicação dos mesmos. Portanto, é de fundamental importância muita atenção no momento de se manipular a fala para não se haver distorções. Foi o que tentamos realizar na entrevista com Luís Martins de Oliveira. A fala torna-se um lugar de poder do sujeito, tendo em vista que ao menos durante sua narrativa ele tem o domínio da palavra, ele tem certa autoridade, o narrador não é passivo, ele burla a pergunta, cria brechas, distorce a pergunta em sua fala, seu texto. Diante disso, o pesquisador que busca trabalhar com a oralidade se perde, muitas vezes não consegue estabelecer o domínio de sua pesquisa.

#### **4. Um breve contexto nacional da década de 1960 a 1980**

Para se compreender o contexto político que perpassa o período estudado, devemos fazer uma abordagem contextual das décadas de 1960 a 1980 em nível nacional e estadual, uma vez que tal quadro interferiu diretamente nas gestões e no modo de fazer política do ex-prefeito de Esperança (PB), Luís Martins de Oliveira. Abordar este período histórico é com certeza se reportar a inúmeras questões como: mudanças no quadro político nacional partidário, participação de diversos setores da sociedade, como os movimentos estudantis e também sindicais. Com tudo isso se torna uma tarefa árdua se trazer uma descrição coerente sobre o referido período.

A implantação do Regime Militar em 1964 colocou no poder as forças conservadoras nacionais, que aliados aos militares asseguraram a manutenção do poder durante décadas. Conhecido como um processo de “modernização conservadora”, o período militar teve momentos de grave repressão, como nos governos Costa e Silva (1967-1969) e Médici (1969-1974), bem como avanços significativos da economia e no ensino universitário, no mesmo governo Médici e de Ernesto Geisel (1974-1979). (PATTO, 2014)

Com a consolidação do regime militar o multipartidarismo deixou de existir se configurando o Bipartidarismo. Um exemplo de partido extinto foi a UDN (União Democrática Nacional) primeiro Partido do ex-prefeito Luís Martins de Oliveira. O governo federal permitiu, no entanto, a criação de dois partidos: a ARENA (Aliança Renovadora

Nacional), aonde deveriam estar filiados aqueles que apoiassem o governo instituído, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro), destinado a filiar aqueles que eram oposição ao governo dos militares. A grande maioria dos que eram filiados a UDN foram para a Arena.

Desde então, o Brasil passou por um longo processo de transição para que se pudesse voltar à democracia, e só veio a ter início no governo do presidente militar general Ernesto Geisel (1974-1979), como nos vem falar Nunes:

A “política de distensão”, promovida pelo governo Geisel, foi um programa de medidas liberalizantes, cuidadosamente controladas, e definido no contexto do “slogan” oficial de “continuidade sem imobilidade”. A “continuidade” era vista no sentido de que se deveria manter fiel às linhas mestras do modelo econômico de desenvolvimento adotado e aos preceitos teóricos da Doutrina de Segurança Nacional, preservando, assim, os principais aspectos do aparato repressivo. Quanto à tese da “sem imobilidade” referia-se ao plano governamental de reformas que pretendia ser um passo à frente na liberalização progressiva, para uma volta à democracia. (2009, p.59)

Como exposto podemos perceber que a partir do governo de Geisel com políticas de “distensão”, estas feitas em estágios bem planejados, e na seguinte ordem: suspensão parcial da censura prévia; negociações com a oposição para o estabelecimento dos parâmetros de tratamento dos direitos humanos; reformas eleitorais, para elevar o nível de representação política; revogação das medidas mais coercitivas.

De acordo com Keck *apud* Nunes:

(...) tão notável quanto a duração da transição foi a tentativa de os militares manterem o controle sobre a situação durante grande parte do processo, bem como o desejo demonstrado pelas forças políticas mais importantes no campo democrático de não precipitar uma ruptura decisiva com o regime autoritário (2009, p.58).

Percebe-se que até mesmo as forças políticas democráticas não buscaram uma ruptura drástica com os militares, onde está transição, se deu de forma gradual, e só terminou definitivamente, apesar do governo civil do Presidente José Sarney (1985-1989), em 1989, com a realização da primeira eleição presidencial direta, depois de três décadas.

#### **4.1.O processo de transição no estado da Paraíba.**

Com o desgaste dos militares no Brasil no final dos anos 1970, pode-se verificar também os impactos na política da Paraíba, onde podemos perceber na candidatura do

deputado federal Antônio Mariz<sup>3</sup>, ao governo do Estado da Paraíba em 1978, pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA)<sup>4</sup>, isso se tornou um desafio para o sistema imposto em 1964, com o golpe Militar, no estado, em meio a este fato, a Paraíba se via em meio a mudanças na legislação político- partidária, que de fato deveriam trazer mudanças significativas.

Esta candidatura foi fruto dos desentendimentos ocorridos a partir do chamado “Acordo de Brasília”. Este acordo celebrava a reconciliação política entre os ex-governadores do Estado, João Agripino e Ernani Sátiro, que estavam rompidos dentro da ARENA desde 1974, e procedia-se uma divisão dos cargos em disputa. Pelo acordo, o então governador Ivan Bichara seria lançado ao senado, pela via direta, Ernani Sátiro seria o senador biônico e o deputado federal Antônio Mariz, o governador (NUNES,2009 p.71).

Este acordo buscava a reconciliação entre os ex-governadores do estado, porém, não foi aceito de forma unânime pelos diversos líderes políticos do Partido, uma vez que deixou de fora figuras importantes do Partido como os senadores Domicio Gondim<sup>5</sup> e Milton Cabral<sup>6</sup> e o deputado federal Wilson Braga<sup>7</sup>, que posteriormente viria a ser governador do estado. Quanto aos dois primeiros, se tinha a alegação que não tinham densidade eleitoral, com relação a Braga, pairava contra ele a acusação de se ter aliado, juntamente com os deputados federais da Paraíba, Teotônio Neto e Maurício Leite, ao grupo de parlamentares articulador da candidatura do General Silvio Frota à Presidência da República.

Nessa perspectiva, se observa uma briga interna no partido ARENA, e apesar de se iniciar um processo de redemocratização, se via essa atitude mais na formalidade do que, propriamente, na prática. Para tanto, basta se reportar para a eleição de pleitos seguintes, que muito embora já se tenha o pluripartidarismo, se continuou com o perfil do bipartidarismo. Mais também se percebe uma mudança na forma de se fazer política, herdada até os dias atuais. A rivalidade existente dentro do partido ARENA, foi bastante importante para que se pudesse haver disputas democráticas posteriormente, com esta rivalidade existente, foi feito

---

<sup>3</sup>Foi advogado, promotor de justiça e político brasileiro. Durante sua carreira política, foi prefeito de Sousa, deputado federal pela Paraíba por quatro mandatos, senador e governador da Paraíba de 1 de Janeiro de 1995 até 16 de setembro de 1995, quando faleceu.

<sup>4</sup> Partido político brasileiro criado em 1965 com a finalidade de dar sustentação política ao governo militar instituído a partir do Golpe de Estado no Brasil em 1964.

<sup>5</sup> Natural de Areia PB, Iniciou a carreira política em 1958 como deputado federal, foi senador por dois mandatos, falecendo no último ano de seu segundo mandato.

<sup>6</sup> Ingressou na política em 1963 com mandato de deputado federal pelo PTB, Em 1971 foi eleito senador pela ARENA, ficando no cargo até 1978.

<sup>7</sup>Advogado, empresário e político brasileiro. Exerceu cargos de Deputado Estadual, Deputado Federal, Governador da Paraíba, Vereador e Prefeito de Pessoa. Passou por várias agremiações partidárias como PSB,ARENA, PDT, PDS, PFL,PSDB, PMDB

um relatório tentando relacionar o deputado Antônio Mariz, candidato que seria lançado a governador da Paraíba pelo ARENA, com os políticos cassados pelo regime militar de 1964 foi enviado para o Presidente da República, João Batista de Figueiredo, pela ARENA da Paraíba. Conforme reproduziu Jório Machado, o documento traz sobre Mariz o seguinte:

Fora de dúvida que o deputado federal Antônio Mariz, pelo seu passado de ativista e pela sua formação marxista (foi secretário geral da UNE) não tem condições para ajustar-se aos ideais revolucionário de 1964, como tem demonstrado nas suas manifestações públicas, na sua atuação no Congresso Nacional, nas suas amizades e nos atos praticados nos cargos que chegou a ocupar. Não obstante ter sido poupado pela revolução, até hoje, tem mantido perfeita coerência com o seu passado, jamais tendo qualquer palavra de apoio ao movimento de 1964 ou simpatia à causa revolucionária (MACHADO, 1978, p. 45).

Com o referido relatório se conseguiu vetar a candidatura do deputado federal Antônio Mariz a governador e em seu lugar foi indicado o Secretário de Educação, Tarcísio Burity para o cargo, Porém, Mariz não aceitou passivamente a sua preterição como candidato da Arena ao governo do Estado, e ao retornar a Paraíba, fez um discurso na Praça João Pessoa, para um grande contingente de pessoas, criticando todo o processo de escolha e o próprio regime. Mariz, ao não aceitar a decisão tomada em Brasília, decidiu registrar sua candidatura a governador, Tinha-se dessa forma, duas candidaturas ao governo do Estado da Paraíba, dentro da Arena, porém, Mariz perde o pleito para Burity por 152 a 124 votos.

## **5. A Cidade de Esperança e o Jogo dos Partidos Políticos: Da Ditadura à Redemocratização.**

A Cidade de Esperança está situada no agreste da Paraíba e com 31.320 habitantes, segundo os dados atuais do IBGE, pertence à microrregião de mesmo nome, e da Região Metropolitana de Campina Grande. Seu bioma natural é a caatinga, além disso, possui uma altitude média de 651 metros. Como também sua extensão territorial é de 163,78 km<sup>2</sup>. Portanto, sua densidade demográfica é de aproximadamente 189,8 hab/km<sup>2</sup>. (IBGE, 2010).

No cenário político do município de Esperança sempre houve uma intensa disputa pela hegemonia do poder político. A política municipal ou estadual durante República Velha era alicerçada de acordo com a “influência dos coronéis”, proprietários de terras ou grandes comerciantes. A intitulação de coronel surgiu com a Guarda Nacional, um tipo de milícia particular criada por Feijó e chefiada por senhores de terras, que ajudava o governo a manter a



ordem e reprimir as revoltas populares. Durante as eleições, o trabalhador rural e os demais protegidos retribuía com o voto os favores recebidos do coronel, que ainda fornecia transporte, alimentação e até roupas e sapatos aos eleitores. O chamado “voto de cabresto”, dominado ou comprado pelos coronéis, tornou-se assim uma realidade em todo o imenso interior brasileiro. Falhava-se esse controle ou um coronel adversário ameaçava disputar o poder nas urnas, havia sempre o recurso da “eleição a bico de pena”, fraude bastante utilizada na época: as folhas de votação incluíam “eleitores fantasmas”, pessoas que já haviam falecido ou até mesmo inexistentes. Muitas eleições, disputadas por mais de um coronel, terminavam em luta armada entre eleitores, cabos eleitorais e jagunços, e no final acabava prevalecendo à vontade do coronel mais rico e poderoso, pois os governos estadual e federal controlavam a diplomação dos eleitos de acordo com o prestígio do coronel que os indicara. A partir daí e de certa forma se havendo introyecção se ver influenciado a política posterior. Teatino vem nos dizer que:

O estudo do político vai compreender, a partir daí, não apenas a política em seu sentido tradicional, mas em nível das representações social ou coletivas, os imaginários sociais, a memória ou memórias coletivas, as mentalidades, bem como as diversas práticas discursivas associadas ao poder. Estuda-se a ação dos homens no campo político, reconhecendo-se, assim, a pluralidade e a longa duração dos fenômenos que envolvem este campo (2013, p.208)

A cidade de Esperança foi emancipada em 1º de dezembro de 1925, desmembrando-se de Alagoa Nova (PB). Em maio de 1925 iniciou-se um levante em prol da emancipação política do município. Esse movimento ganhou força no inflamado discurso de Silvino Olavo<sup>8</sup>, que declamava: “Esperança – Lírio Verde da Borborema”. A idéia foi ganhando novos adeptos, entre eles, o Coronel Elísio Sobreira<sup>9</sup>, Chefe de Polícia do Estado, e o Deputado Antônio Guedes<sup>10</sup>, que apresentou o Projeto de Lei nº 13, que criava a cidade de Esperança. Após terceira discussão em plenário, o projeto foi votado e aprovado e, no dia 1º de Dezembro de 1925, era publicada no jornal *A União*, a Lei nº 624, dando origem ao Município de Esperança, que se instalou no dia 31 daquele mês e ano. Assumiu o governo mirim Manuel Rodrigues de Oliveira na condição de Prefeito e Teotônio Tertuliano da Costa, na posição de Vice-Prefeito, prestando compromisso no Paço Municipal junto ao Dr. João Marinho da Silva, Juiz do Termo.

---

<sup>8</sup>Natural da Cidade de Esperança PB, Formou-se advogado na Faculdade Nacional do Rio de Janeiro, ao voltar pra Paraíba, engaja-se em prol da emancipação de sua terra natal.

<sup>9</sup>Nasceu no dia 20 de agosto de 1878, na cidade de Esperança. Obteve uma incrível carreira militar chegando ao seu auge se tornando patrono da polícia Militar.

<sup>10</sup> Foi deputado estadual e prefeito de Guarabira, representante importante para que a cidade de Esperança fosse criada.

Para conhecermos a trajetória política de Luís Martins, torna-se imprescindível conhecermos os jogos dos partidos políticos na cidade de Esperança, para se puder estudar mais a fundo a trajetória política de Luís Martins enquanto gestor que mais governou aquela cidade. Durante os anos que permeiam as gestões de Luís Martins, surgiram duas facções políticas em Esperança, os “Ratos” e os “Amuados”. Vale salientar, que a denominação desta segunda muda conforme tomada do poder para a denominação de “Gatos”. Praticamente todo o período que perpassa os pleitos políticos não existiu outras forças políticas que detiveram o poder frente a estas duas. Souza (2008) afirma que os “Amuados” eram conhecidos por sua função eminentemente opositora, as suas diversas investidas políticas não lograram êxito desde a seu surgimento.

Foi no pleito de 1977, que a facção política dos ratos se consolidava no município de Esperança, onde disputava Odaildo Taveira <sup>11</sup>, pelo ARENA partido que obteve forte aderência por parte dos correligionários de Luís Martins e tendo como oposição José Torres da facção dos “Amuados”, sempre compondo uma forte concorrência. Os comícios de Odailton eram sempre realizados em lugares estratégicos, em geral situados na periferia, onde, constituíam fortemente a sua presença e discursavam sobre diversos projetos, principalmente os de cunho assistencialista.

Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre o léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) Não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar estes signos para designar coisas. É este mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, 2007, p.54-55).

Mesmo com uma proposta teórica diferenciada, se comparada ao conceito de representações que vem sendo utilizada no decorrer do trabalho, Foucault se torna importante, uma vez que oferece novos olhares, novas possibilidades teóricas para análise e interpretação de documentos, contribuindo para que se pense como determinadas práticas discursivas vão sendo aceitas no meio social. Como estamos trabalhando com a História Política e nesta se insere o discurso, discurso este que para Foucault é uma prática social que se produz em razão

---

<sup>11</sup>Natural da cidade de Esperança PB, candidato a prefeito no pleito de 1977 na mesma cidade, lançado pelo então prefeito Luís Martins, não logrando êxito na vida política.

das relações de poder; ele afirma que há um duplo e mútuo condicionamento entre práticas discursivas e não discursivas. Nesse sentido, o discurso ao ser objeto de poder, é ao mesmo tempo, objeto de desejo, ele não é simplesmente aquilo que traduz as lutas por dominação, mas sim aquilo pelo qual se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.”

Odaildo Taveira venceu o pleito de 1977, mesmo com o jingle de forte aderência por parte de José Torres, que dizia: “Bandeira Branca amor, vamos votar/ em Zeca Torres pra Esperança melhorar”, contudo, muitos dizem que a contagem dos votos que na época era de cédula fora manipulada por uma das senhoras que coordenava o processo de apuração. Dois anos depois com administração irregular, o então prefeito era acusado de improbidade administrativa, fugindo durante a madrugada para que não fosse preso, deixando assim o cargo para seu vice, Severino Ramos Pereira, cuja nomeação foi proferida na década de 1980.

Nas eleições de 1982, Luís Martins de Oliveira é o candidato do lado dos “Ratos”, como prefeitável na cidade de Esperança, desta vez concorriam apenas dois candidatos: o próprio Luís e novamente José Torres. As especificidades desta eleição serão abordadas com maiores detalhes mais adiante quando formos falar sobre as eleições e gestões do ex-prefeito.

Nas eleições de 1988 eis que surge um nome forte concorrendo pelo grupo dos “amuados” Dr. Ledo, contra Armando Abílio que representava a facção dos “ratos”, discorrendo sobre essa eleição. Souza vem nos dizer que

Em uma campanha muito acirrada, Ledo ficou conhecido como o “Galeguinho do Zoi Azul” em virtude da sátira composta e interpretada pelo cantor Genival Lacerda. Segundo relatos de populares, os resultados do pleito só foram decididos na contagem da última urna, dando vitória a Dr. Ledo. Pela primeira vez na história de Esperança a facção amuada ganhava um pleito eleitoral (2008, p. 14)

Com a vitória do médico Dr. Ledo foi a primeira vez que um “amuado” vem a sentar na cadeira da prefeitura, porém, após ser eleito e tomar posse o então prefeito tomou algumas medidas administrativas que vieram a desagradar a população e que também contradiziam o seu discurso enquanto candidato. A primeira delas foi a construção de uma porta nos fundos do gabinete para que a população não o visse sair, enquanto os mesmos ficavam esperando várias horas na “ilusão” de serem atendidos pelo gestor. Outro fator itinerante de seu mandato foi à perseguição implacável ao funcionalismo público, como também o desrespeito à autonomia sindical e o direito da organização dos servidores de Esperança. Tal gestão autoritária com resquícios da ditadura ainda tão frequente se deflagrou a primeira greve dos servidores municipais do município, onde ocorreu em Abril de 1989. Liderada por Elza Alves, que na época foi demitida do seu cargo e não pode recorrer à decisão por não ser

concurada, foi apoiada pelo SINTAB de Campina Grande tendo à frente Cozete Barbosa, na grande manifestação pelas ruas de Esperança, reivindicando melhorias salariais (Souza, 2008).

## **6. Trajetória Política de Luís Martins de Oliveira: Eleições, Gestões e Práticas de Adoração.**

Neste tópico discutiremos a trajetória política do ex-prefeito Luís Martins de Oliveira na cidade de Esperança (PB), bem como suas administrações, a partir de jornais publicados na época, como também, por depoimento do ex-prefeito e de moradores que residem na cidade há mais de 60 anos, para que possamos ter uma visão de como foi o seu papel como líder político e administrador, evidenciando suas práticas populares e seu carisma junto à população mais carente.

Luís Martins de Oliveira nasceu na cidade de Pocinhos (PB), no ano de 1928, saindo da cidade aos 20 anos de idade para ser fuzileiro naval no Rio de Janeiro (RJ) servindo por dois anos e dois meses, retornando para Pocinhos, fez um curso para agente fiscal, que segundo Luís Martins:

(...) naquele tempo era muito difícil, no meio de oitenta, passei em vinte e um, sendo nomeado pra Esperança no mês de novembro do ano de 1941 como agente fiscal, por coincidência né? Quando as coisas têm que ser, começando minha vida nesta cidade. Já na política eu era da UDN (União Democrática Nacional). Em Esperança agente tinha Chico Souto que era dono do cartório um rapaz muito “ilustrado” da família Souto de Esperança e então eu fiquei com ele, e em 1957 resolvi sair do meu partido e apoiar Chico Souto e me passei para o PSD (Partido Social Democrático).

Luís Martins entrou no mundo da política esperancense por meio de Chico Souto, que era um dos líderes políticos da cidade e Deputado Estadual, estando sempre ao seu lado trabalhando na política durante seis anos, até que em 1963 Chico Souto o lança como candidato a prefeito do município, aonde veio disputar o pleito com mais três adversários: Valdemar Cavalcante, Joaquim Virgolino da Silva e Pedro Mendes de Andrade, onde segundo o ex-prefeito ganhou a disputa com mais que o dobro dos votos, tendo como slogan político “do verde a esperança do povo a confiança e com seus discursos onde vinha a enfatizar que o que fazia era para o bem do povo, e que a população seria muito bem assistida em sua administração, conseguiu o voto da maioria da população.

Quanto a seus discursos nas campanhas de 1963, Luís Martins sempre fazia questão de deixar claro que a população era livre para escolher o melhor para sua cidade, mas que sem dúvidas ele era a melhor opção, que com seu trabalho e honestidade iria trazer prosperidade,

transformando Esperança na cidade do trabalho, introjetando na população o que esse representaria para o povo.

No depoimento do senhor Jaime Carneiro, morador da cidade a mais de 60 anos, podemos perceber a admiração e os elogios tecidos a primeira gestão de Luís Martins, elogios e admiração que perpassava pela grande maioria da população:

Eu me lembro que antes do primeiro mandato de seu Luís a maioria das de nossa cidade não serem calçadas, não havia quase praças, em época de inverno não tinha como passar de um lugar para o outro, com o final do primeiro mandato do Sr. Luís a coisa mudou bastante, já tínhamos muitas ruas calçadas, o que facilitou muito a passagem das pessoas, mais ele também ajudou muita gente, o nosso prefeito é gente boa.

Porém de acordo com a oposição junto com as obras feitas na época da primeira administração, muito dinheiro havia sido desviado na construção dos esgotos, segundo seu José Camilo, na época se comentava que: “os esgotos e as ruas estão sendo lavados com o dinheiro do povo”. Luís Martins começou sua política assistencialista logo em seu primeiro mandato, contudo, não mudava o quadro econômico dos menos favorecidos.

Na tentativa de construção da imagem de Luís Martins como sendo um homem do povo, se usava a estratégia de se lançar folhetos comemorativos, com a busca incessante de apresentar um governo que cumpre fielmente todas as promessas de campanha, o gestor realiza discursos falando que estava cumprindo o que havia prometido, também enfatiza sua preocupação com os homens do campo trazendo a recuperação da confiança destes nos políticos. Desta forma junto com o discurso do ex-prefeito é tentado passar a preocupação com os “pequenos”.

Em entrevista Luís Martins nos fala que durante aquele período se tornava bastante difícil está à frente de uma prefeitura, pois, não havia o fundo de participação dos municípios, o que tinha era o imposto de profissão industriais variável, que a prefeitura arrecadava e apenas uma pequena parte ficava a dispor da prefeitura. Questionado sobre a época da ditadura, o ex-prefeito vem nos dizer que:

Com a revolução de 1964 o que veio mudar foi o tempo de gestão, foi acrescido de um ano e dois meses, passando a cinco anos e dois meses, e também como fazia poucos meses que eu tinha assumido a prefeitura, três a quatro meses, fui chamado para mostrar os balancetes da prefeitura, eu peguei aqui um carro, um jipe, peguei tudo que tinha de documento e levei para o exército, só que tudo era mais disciplinado. A democracia é o melhor regime, só que para um povo educado.

Ao longo destes cinco anos de governo Luís Martins implementou muitas obras, mudando totalmente a fisionomia da cidade, as principais de maior destaque foram: a construção de mais de 40.000 mil metros quadrados de calçamentos, inauguração de oito avenidas, construção de diversas escolas, praças, do matadouro público, mais de dois mil metros quadrados de esgotos, entre outras ações. No fim do seu mandato em 1968 foi lançado um folheto comemorativo pela *Revista Avante*, aonde vem reforçar a imagem de um gestor compromissado com a população carente. Identificamos na revista palavras que falam do ex-prefeito:

Presente no idealismo e no interesse de ver crescer o quanto mais possível a sua terra, está o seu atual administrador, prefeito Luís Martins de Oliveira, que conseguiu impulsionar algumas obras de destaque público, efetuando melhoramentos realmente necessários, de grande utilidade e que se faziam prioritários no processo desenvolvimentista do município que dirige. Dono de fibra e de força de vontade, nascido para o trabalho, e aliando tudo isso o seu caráter de honestidade (...) O prazer de servir o seu povo, o sentimento do dever cumprido, a alegria de ter correspondido plenamente as expectativas daqueles que nele confiaram (REVISTA AVANTE, 1968)

Desta forma, trabalhando com o a noção de representações dentro do político é compreendê-la como figuras construídas a partir do interesse de determinados grupos sociais. Que nos faz entender e de certa forma questionar o que está se tentando transmitir e engendrar no seio da população, principalmente nos mais carentes. Acreditamos o que se transmite por meio dos jornais da época e os folhetos, não pode ser encarado como o real em si, mais sim como uma representação, uma ideia do real que visa legitimar os interesses deste grupo político.

Questionando a ideia de fonte como mero instrumento de mediação e testemunho de uma realidade, e considerando as representações como realidade de múltiplos sentidos, mesmo porque as representações do mundo social, assim construídas, embora aspirem a universalidade de um diagnóstico fundado na razão são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam (AMARAL E FARIA, 2007, p.2-3).

Passados os cinco anos de governo de Luís Martins de Oliveira a frente da prefeitura, eis que ele aponta Antônio Coelho como candidato ao pleito do ano de 1968, um empresário bem sucedido na cidade que por sinal era seu “compadre”. Mesmo não estando à frente da prefeitura, Luís Martins continuava engajado na política e dando apoio ao candidato a quem lançou.

No pleito de 1972 mais uma vez o candidato era Luís Martins de Oliveira pelo partido (ARENA), contra Joaquim Virgolino e Arlindo Teotônio, dono de confecção. Segundo Martins a eleição foi fácil aonde veio a ganhar com mais de mil votos de diferença. Durante este mandato mais uma vez o ex-prefeito faz apelo aos discursos da qual era um sujeito que satisfez a necessidade dos mais carentes, como também nos lançamentos de suas revistas comemorativas. Outro instrumento usado a seu favor seria o jornal a União de João Pessoa, jornal com grande circulação na cidade de Esperança, onde uma matéria de 1973, vem destacar o seguinte: O prefeito do trabalho está de Volta! Luís Martins vem com a promessa de progresso para sua cidade (JORNAL A UNIÃO, Janeiro de 1973).



**Inauguração do grupo escolar no distrito de Massabielle; Luís Martins há esquerda, com a mão no queixo.**

Percebe-se sempre um jogo criterioso visando chamar a atenção imediata dos eleitores para o que ele fez ou pretende fazer em seu tempo como gestor da prefeitura. Em um folheto publicado pela *Revista Avante* no fim do seu mandato, Luís Martins fala:

São quatro anos de governo, que somado ao anterior período, darão nove anos de trabalho constante, através de obras que estão ai, espalhadas em todo município. Cabe-me neste ensejo, agradecer a todos aqueles que, diretamente ou indiretamente participaram na concretização de minhas realizações. Deixo a direção do município mais uma vez, com a consciência tranquila, pois, minha administração é a própria consciência e o povo testemunho. Fiz o possível para satisfazer em parte as necessidades da população, onde tudo que realizei estão ai. Obras discutidas, elogiadas, criticadas, nunca porém, negadas (REVISTA AVANTE, 1976)

Dentre as obras realizadas nesta administração podemos destacar a aquisição de dois caminhões, que iriam ajudar na realização das obras de infraestrutura implementadas por Luís Martins na época: construção do colégio Olímpio Souto em parceria com o Governo do Estado, a construção de novas praças (como a praça da cultura), criação do departamento de educação e instalação da biblioteca municipal, posto de saúde no povoado de São Miguel.



**Inauguração da praça da Cultura construída em sua segunda gestão (1973-1976). Luís Martins há esquerda**

Durante essa segunda gestão, os “amuados” chegaram a acusar muitas vezes que, Luís Martins usava dinheiro público para seu benefício próprio, onde até os funcionários de sua residência eram pagos com o dinheiro da prefeitura, sem falar que relatavam que as muitas obras feitas pelo governo eram super faturadas, alegando o poder aquisitivo conquistado pelo prefeito só podia vir dos desvios dos cofres públicos.

O ex-prefeito nunca deixou de enfatizar que sua experiência fazia bem pra cidade, que ele não havia adotado aquela cidade por acaso, que sempre fez sua administração voltada para o povo, e que mudaria o perfil da população pobre, mudando a cara da cidade. Apesar das promessas de Luís Martins, nada se fez para que se mudasse o perfil dos cidadãos das periferias, não se criou nenhuma fonte de renda, nem empregos, para que essas camadas desfavorecidas pudessem sair da miséria. Temos isso como uma estratégia de manipulação desta população por parte do administrador, com elas ao seu domínio e sempre pedindo auxílio, iria se ter uma conduta paliativa por parte do prefeito, e o agradecimento das pessoas auxiliadas, deixando no imaginário destas, uma dívida para com o prefeito, dívida esta que se



pagaria com o voto na época da eleição. Os belos discursos tomados de emoção, comovia parte da população, os levando ao voto.

Através do pensamento de teóricos como Foucault (1986), podem-se compreender melhor os diversos discursos veiculados pelas revistas da época. Entendendo a partir desse teórico, que para se analisar um discurso é necessário desprender-se de interpretações unívocas, que buscam obter o sentido oculto das coisas, como se fosse possível chegar ou descobrir a verdade.

Com o fim do seu segundo mandato Luís Martins aponta como seu sucessor no pleito eleitoral de 1977 Odaildo Taveira (ARENA), tendo como opositor José Torres (MDB), neste período a oposição estava bem articulada, buscando pela primeira vez tomar o poder, eis que a população carente, sempre bem assistida pelo governo de Luís Martins sai às ruas de acordo com Souza (2008,p.13), “Via-se por todos os becos e vielas da cidade ratos adornados de estopas”. Segundo Luís Martins essa iniciativa surgiu da própria população, mais pelo motivo do que representávamos para eles, a estopa (normalmente retalhos) que descrevia o partido de Luís e quem eles representavam, justamente a população pobre. Essa representação foi utilizada durante toda a campanha acrescentada também dos galhos da mamona, fazendo referência à cor partidária, que seria o verde. Neste pleito Odailton Taveira conseguiu vencer a eleição, porém a facilidade com que os “ratos” ganhavam as eleições não existiu nesta disputa. Com a péssima administração e sendo acusado de improbidade administrativa Odailton foge na madrugada para não ser preso, assumindo assim o seu vice.

No ano de 1982, temos mais uma vez a volta de Luís Martins para disputar a prefeitura de Esperança agora pelo partido PDS (Partido Democrático Social) tendo como vice Armando Abílio Vieira, desta vez concorriam apenas dois candidatos o próprio Luís e novamente José Torres PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro).

Com a volta do pluripartidarismo, a Paraíba na década de 1980 se via em meio a mudanças no processo político-partidário que deveriam de fato promover mudanças significativas. Contudo tivemos uma maior abertura política, mais essa abertura se via mais na teoria do que na própria prática.

Diante do exposto e de certa forma sofrendo críticas constantes de seus adversários, por ter apontado Odailton Taveira como seu sucessor, Luís Martins entra na disputa eleitoral com o prestígio um pouco abalado, uma vez que, os opositores o acusavam de fazer parte dos desvios do dinheiro público, e de toda corrupção que envolvia a gestão Odailton, pois, Luís Martins estava sempre ao seu lado o orientando em sua administração, fazendo assim com que que muitas pessoas e políticas influentes se voltassem contra Luís Martins.

Em depoimento Luís Martins vem falar:

Essa foi à campanha mais difícil de todas, porque se juntaram todos os políticos influentes, todos contra a minha pessoa. Nessa época eu saía de casa em casa pedindo voto, fazia um samba, em cima de um carro de um amigo meu, fiz mais de trinta comícios, tudo quanto era de lugar aqui de Esperança eu ia. O povo gostava muito de mim, pelo que eu já tinha feito por eles desde quando eu trabalhava como agente fiscal, mesmo com uma campanha dura eu levei com 125 votos a mais. Foi apertado mais consegui.

Em primeiro de dezembro do ano de 1985, no ano que a cidade de Esperança completava sessenta anos de emancipação política, foi lançado mais um panfleto dando os parabéns a cidade e a população, como também os feitos que perpassaram os três anos da sua terceira gestão. Seguindo o mesmo slogan do primeiro mandato, do verde a esperança e do povo a confiança, este slogan entrou no imaginário da população, onde muitos eleitores da época lembram até hoje.

Mais uma vez, na condição honrosa de dirigente dos destinos de nossa amada e querida esperança, dirigimos a vocês a nossa palavra sincera e amiga(...) Na oportunidade, quando nos aproximamos do término do triênio da atual gestão, levamos aos nossos munícipes uma prestação de contas do que foi adquirido e realizado durante este período, enquanto convidamos a todos os esperancenses presentes e ausentes sem distinção de classe, religião, cor, ideologia a participarem unidos, das solenidades de mais um aniversário da nossa progressista Esperança.( panfleto comemorativo dos sessenta anos de emancipação política( REVISTA AVANTE,1985)

Luís Martins no decorrer dos seus três mandatos desenvolveu uma política assistencialista, uma vez que sempre quando podia ficava em seu gabinete, recebendo a população e os assistindo de diversas formas, seja com remédios, ou com alimentos, como podemos perceber em sua fala:

Tinha dias que eu ficava na prefeitura o dia inteiro, só recebendo o meu povo, distribuía muita cesta básica, caderno, lápis, o material escolar, eu dava muito, quando não tinha aqui em Esperança, eu ia em campina e trazia, eu sei que fiz muita coisa, eu dei muita bolsa de estudo, cento e cinquenta bolsas de estudo, por mês, dei muito remédio pro povo que não podia comprar, de tijolo a telha, dei muito, fiz até casinhas aqui. A pessoa podendo ajudar né? Eu ajudava e gostava de ajudar

Percebe-se que ao longo da vida política de Luís Martins, se há muito de um perfil populista, com traços de forma de fazer política parecida com a de Getúlio Vargas, cientistas políticos consideram que com a deposição de João Goulart em 1964, marcou o fim do populismo no Brasil, no entanto, algumas condições continuaram presentes no panorama

político, social e econômico brasileiro e permitem o surgimento de fenômenos populistas, embora com conteúdo e dimensões diferentes das quais ocorriam no passado. Com isso vemos que, dono de um belo poder de oratória do ex-gestor e com condições propícias para tal, se conseguia manipular a maioria da população

Após o terceiro mandato, Luís Martins não encerrou sua carreira política, se elegendo prefeito mais uma vez, cumprindo seu quarto mandato na década de 1990. O mesmo ainda apontou o seu sucessor, o agora então deputado estadual Arnaldo Monteiro. Luís Martins viu neste último nome um grande potencial político, desde a época em que foi seu secretário de obras no terceiro mandato:

Fui eu que lancei Arnaldo, o pai dele me acompanhava, e depois eu fui ver em Arnaldo, uma cabra assim, determinado, ele começou como secretário de obras em 1983 e na minha última gestão coloquei ele como meu chefe de gabinete, então eu vi que ele tinha aptidão para as coisas, que resolvia os negócios, tinha jeito, então eu fui e lancei ele. No começo ele não queria não, mais eu fui convencendo, disse que ajudava ele, então tentou e ganhou com a maioria dos votos.

Com o fim do seu quarto mandato, Luís Martins ainda foi vice-prefeito na gestão de Arnaldo Monteiro na campanha do ano 2000, e mesmo ao longo dos seus 86 anos não deixou a vida política, contribuindo com a vitória dos “ratos” até os dias atuais, sendo muito visitado e de certa forma adorado. Desde seu segundo mandato, quando saía na rua, era ovacionado e a população carente sempre queria dar beijos e abraços, e gritavam na rua chegou o “pai dos pobres”, quando questionado sobre essa nomenclatura, seu Luís vem dizer: Não, é isso mesmo pai dos pobres, devido ao monte de feira que eu dava, o monte de gente que eu ajudava, então foi o nome carinhoso que recebi”.

Apesar das bem feitas, sempre há algo envolvido por trás, como a manutenção do poder, ou até mesmo o favorecimento econômico da família, tão insistentemente falada pela oposição, ou a aquisição de bens e de fortuna conquistada ao longo da carreira política, pois, com o cargo de Fiscal, não se poderia construir o patrimônio conquistado, algo também ressaltado pela oposição e críticos de sua administração. Assim fazendo a relação do ex-prefeito apresentado nos depoimentos, jornais e cartilhas publicadas, é possível compreender, tomando como base o pensamento de Chartier (1990), todo esse processo que se configurou na “construção de uma realidade social”. Observando que as representações nada têm de imparcial, sendo organizadas através de uma visão que se deseja projetar no imaginário social, definidas, portanto, como: esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o

presente pode adquirir sentido, o outro torna-se inteligível e o espaço ser decifrado (CHARTIER, 1990, p.17).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente trabalho, verificou-se que a imagem de Luís Martins de Oliveira, foi sendo representada por meio das revistas comemorativas, como também por meio de uma análise contextualizada dos fatores que estiveram influenciando na construção e divulgação de um perfil para o então ex-prefeito.

Como referencial teórico, o trabalho se baseou na nova história política, bem como no conceito de representação de Chartier (1990), elementos indispensáveis para a realização da presente análise, uma vez que contribuíram na percepção sobre como determinados grupos políticos se afirmam. Destacou-se, deste fazer, os fatores que levaram esse governo a ser representado nos folhetos comemorativos, como sendo do “povo para o povo”, e também tão explorada nas palavras do ex-gestor, o que ocorreu a partir da construção de uma identidade, para Luís Martins, de “homem generoso e sensível, homem honrado e fiel” no cumprimento das promessas de campanha.

Teóricos como Teatino (2013) que utiliza um método próprio para a leitura de materiais impressos como é o caso dos jornalísticos, foi possível inferir elementos que não tinham como ser identificados através de um olhar descomprometido. Pesquisas em acervos particulares e públicos que retratam a época pesquisada, mais especificamente do governo de Luís Martins, se fizeram indispensáveis para a elaboração do mencionado trabalho.

Assim, espera-se ter contribuído na ampliação do debate sobre esse novo campo do conhecimento, qual seja a Nova História Política, que tem cada vez mais ganhado espaço nos estudos de diversos Historiadores. É relevante, também, a sua proposta de estudo, uma vez que, se distanciado das produções realizadas ao longo do século XIX, oferece novos olhares sobre o estudo da política, apresentando os diversos mecanismos que influenciam na legitimação de determinados grupos ou partidos políticos. Características essas que embora discutem o trabalho do historiador, pois o torna mais complexo, lhe oferece diversas possibilidades de análise, oferecendo a esse profissional um estudo instigante e atrativo.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Leda Ramona do e FARIA Luciene Miranda. Resenha Sobre o Livro de Roger Chartier: A História Cultural Entre Práticas e Representações. – In: **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, V.16, nº 30. P.173-195- abril 2007
- ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil. (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- BARROS, Jose D'Assunção. **O Campo da História: Especialidades e Abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BRUN, Argemiro J. **Desenvolvimento Econômico Brasileiro**. Ijuí, RS:UNIJUÍ,1999.
- CHARTIER, Roger. Introdução. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: \_\_\_\_\_. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- \_\_\_\_\_. O Mundo Como Representação. In: **Estudos Avançados** Nº 11, Vol. 5, Janeiro, ABRIL de 1991 (USP).
- CITTADINO, Monique. A política Paraibana e o Estado Autoritário (1964 – 1986). In: **Estruturas de poder na Paraíba**. João Pessoa, Universitária/UFPB,1999.
- DUARTE, Lidiane. O Movimento Diretas Já In: **Http// www. Infoescola.com. Acesso em 17 de novembro de 2014 as 17;00 hrs**.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do Saber**. RJ: Forense ,1986.
- PATTO, Rodrigo. **As universidades e o regime militar**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 2014.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2.Ed. 1. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica 2008
- SOUZA, Inácio Gonçalves. **Ratos e amuados: a guerra das cores na política esperancense**. 1 ed. Esperança- PB. União, 2008
- TEATINO, Faustino. **A História Política por meio da Imprensa: O Anticomunismo nos Jornais Paraibanos A União e A Imprensa (1945- 1947)** ARANHA, Gervácio Batista & FARIAS, Elton John da Silva. In: Epistemologia, historiografia e linguagens. Campina Grande: EDUFCG, 2013

## SITES:

<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250600&search=paraiba|esperanc>

a. Acesso em 28 de outubro de 2014, às 19:150hrs.

Joílson Andrade, a história esperancense In:

<http://www.esperancadeouro.com/2014/09/historia-da-jornada-politica-do-ex.html>. Acesso

em 21 de outubro de 2014, às 10:00hrs.

## **FONTES:**

### **Periódicos pesquisados:**

JORNAL A UNIÃO. Jan.de 1973.

REVISTA AVANTE. Folheto comemorativo de 1968.

\_\_\_\_\_ Folheto comemorativo de 1976.

\_\_\_\_\_ Folheto comemorativo de nov. de 1985.

REVISTA RIBEIRO. Edição especial, dez. de1988.

### **Entrevistas Realizadas**

OLIVEIRA, Luís Martins de. Ex-prefeito de Esperança PB. Entrevista concedida a Renato Fabiano em 08-11-14.

SILVA, Jaime dos Santos, Morador da cidade de Esperança PB. Entrevista concedida à Renato Fabiano em 17-11-14.